



Formação de Indígenas em agroecologia: Curso Técnico Agroecologia dos Povos Indígenas do Sudeste Paraense

William Bruno Silva Araújo¹, Ribamar Ribeiro Júnior²

¹ Docente-pesquisador do IFPA/CRMB, william.bruno@ifpa.edu.br;

² Docente-pesquisador do IFPA/CRMB, ribamar.sociologo@gmail.com

Resumo

Este trabalho analisa a experiência do Curso Técnico em Agroecologia integrado ao Ensino Médio dos povos indígenas do sudeste paraense (CTAI), ofertado pelo Campus Rural de Marabá (CRMB) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). É uma experiência pioneira no âmbito dos Institutos Federais (IF) e está em construção nesse campus do IFPA desde o ano de 2009. Esse curso tem como base metodológica a alternância pedagógica e a integração curricular freireana. Propõe-se a priorizar o diálogo de saberes e ter como ponto de partida as realidades concretas específicas de cada aldeia.

Palavras-chave: Agroecologia, Educação formal, Indígenas.

Contexto

O CRMB foi criado em 2008 como Escola Agrotécnica Federal de Marabá e, em 2009, face à política de expansão do ensino tecnológico, foi incorporado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), passando então a ser Campus Rural de Marabá (CRMB).

Essa instituição pode ser considerada uma conquista dos movimentos sociais e entidades do campo dessa região resultado da organização em torno da luta pela reforma agrária. Este campus do IFPA traz em sua missão o desafio de atender prioritariamente os povos do campo da região sudeste paraense, historicamente às margens das políticas públicas voltadas para a região. É sucessor de experiências de educação popular desenvolvidas nessa região pelos movimentos sociais locais, como a Escola Família Agrícola (EFA).

O CRMB optou como estratégia metodológica pela alternância pedagógica (IFPA/PPP, 2010), reconhecendo o acúmulo das EFA e as Casas Familiares Rurais (CFR). Assim assumiu o desafio de desenvolver essa metodologia no âmbito



institucional. Assegura ainda em seu projeto pedagógico a ênfase agroecológica como ferramenta de desenvolvimento local.

Seu primeiro curso (Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia) teve início no ano de 2009, a partir de um convênio com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), via o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Nesse curso ingressaram 90 jovens filhos de agricultores assentados de reforma agrária do Sudeste do Pará de mais de 50 projetos de assentamento dessa região.

Ainda em 2009 o CRMB, esse campus assumiu também o desafio de construir e ofertar um curso específico para os povos indígenas dessa região, face ao reconhecimento desses povos como sujeitos do campo, com realidades próprias, estratégias de reprodução e demandas específicas. O processo de construção desse curso priorizou o diálogo com as lideranças, professores indígenas e entidades parceiras, como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a Universidade Federal do Pará (UFPA) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Foram dois anos de diálogo até o início da primeira turma do curso em agosto de 2011.

O Curso Técnico em Agroecologia dos Povos Indígenas Sudeste Paraense

O Curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio dos Povos Indígenas do Sudeste Paraense (CTAI) é uma experiência pioneira no âmbito dos Institutos Federais (IF). Esse curso está inserido no Eixo Tecnológico Recursos Naturais do catálogo de Cursos Técnicos do Ministério da Educação (MEC). Trata-se de experiência desafiadora assumida pelo CRMB, e que está em construção desde o ano de 2009.

A primeira etapa da construção do curso constou de visitas às aldeias, objetivando conhecer as realidades específicas de cada povo. Depois foram realizados dois seminários. O I Seminário dos Povos Indígenas do sudeste paraense e CRMB envolveu professores indígenas, lideranças indígenas, servidores do CRMB e entidades parceiras, como o CIMI. Esse Seminário foi realizado com o intuito de restituir para as comunidades indígenas o pré-diagnóstico resultado das visitas a essas comunidades e iniciar a construção da proposta curricular. Nesse seminário, face ao pré-diagnóstico realizado, as lideranças demandaram ao IFPA a oferta de um curso de formação técnica



integrada ao ensino médio em Agroecologia. Importante ressaltar a fala de uma das lideranças presente nesse seminário, Maria Guarani: “que o nome seja agroecologia porque o termo ‘agropecuária’ é mais para os fazendeiros”.

O II Seminário dos Povos Indígenas do Sudeste Paraense e CRMB foi realizado com o objetivo de avaliar a proposta curricular, discutir sobre o funcionamento do curso, identificar a demanda concreta de candidatos por aldeia e construir coletivamente a metodologia para ingresso no curso.

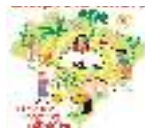
Conforme deliberado no II Seminário dos Povos Indígenas e CRMB, o processo seletivo para ingresso no CTAI ocorreu nas aldeias. Foi realizado através de uma roda de conversa envolvendo toda a comunidade, mediada por educadores do CRMB. Nessa ocasião os candidatos ao curso e suas lideranças apresentaram elementos da história de seu povo, as principais dificuldades enfrentadas pelo seu povo e suas expectativas em relação ao curso. Adicionalmente esses candidatos redigiram um texto sobre os mesmos temas apresentados nas rodas de conversa. Posteriormente, os registros do processo seletivo foram consultados para o planejamento pedagógico do curso.

O Projeto Político Pedagógico a partir desses espaços coletivos de reflexão por meio do diálogo estabelecido com as comunidades e lideranças indígenas de 9 povos (Atikum, Guarani, Aikewara-Suruí, Amanayé, Guajajara, Assuriní, Akrãtikatêjê, Parkatêjê e Kyikatêjê), bem como com os parceiros como, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a Universidade Federal do Pará (UFPA-Campus Marabá) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI); e, por momentos de estudo de documentos e de pesquisas sobre os povos indígenas da região (PPP, 2011).

Opção metodológica: alternância pedagógica e integração curricular

O processo de construção do curso possibilitou a construção de diretrizes e do currículo, observando:

- a) o respeito às identidades indígenas nas suas relações tradicionais com a natureza;
- b) o atendimento às necessidades de recuperação/melhoramento dos processos produtivos das aldeias e seus projetos de futuro, inclusive no que se refere à reprodução da vida do povo através das novas gerações; e,



c) o diálogo entre as necessidades das aldeias e as aspirações frente ao curso técnico sem perder de vista as especificidades dos povos indígenas, atendendo ao catálogo do curso em Agroecologia, as competências do Ensino Médio.

O curso tem duração de três anos, conforme previsto legalmente para os cursos técnicos integrados. Está organizado em 3 (três) ciclos pedagógicos de formação, conforme descrito no quadro a seguir:

Quadro: eixo articulador, objetivos e produtos por ciclo pedagógico.

EIXO ARTICULADOR	CICLO	OBJETIVO	PRODUTO
sustentabilidade dos povos indígenas	1º ciclo: diagnóstico sócio - cultural e agro-ambiental da aldeia.	analisar as características socioculturais, econômicas e agro-ambientais do cotidiano dos povos indígenas	calendário agro-cultural; diagnóstico sociocultural, produtivo e ambiental das comunidades.
	2º ciclo: agroecossistemas, gestão sustentável dos recursos naturais e segurança alimentar	compreender os agroecossistemas indígenas e elaborar propostas de gestão e manejo de atividades produtivas, gestão sustentáveis dos recursos naturais, construção de experimentos sócio-produtivos.	plano de gestão dos recursos naturais dos territórios indígenas. - banco de sementes. - relatório de intervenção técnica.
	3º ciclo: etnodesenvolvimento e políticas públicas.	analisar as políticas públicas, as perspectivas do etnodesenvolvimento e suas relações com o projetos societários.	plano de atuação técnica construído com a comunidade.

O CTAI tem como base a alternância pedagógica, que consiste no processo de articular e integrar diferentes momentos e atividades de formação tanto na escola como nas comunidades indígenas, tendo a pesquisa da realidade como ponto de partida do processo educativo (IFPA/PPC, 2011). Em atenção à deliberação do II Seminário essa alternância se dá da seguinte forma: os educandos passam 15 dias na sede do CRMB (Tempo-Escola) e 20 dias nas Aldeias (Tempo-Aldeia). Durante o Tempo-Aldeia realizam atividades orientadas por um instrumento pedagógico denominado Plano de Estudo Pesquisa e Trabalho – PEPT.

Optou-se ainda pela integração curricular, tomando como ponto de partida da



organização curricular as realidades específicas das aldeias. Assim, a base metodológica do curso tem como referência a proposta de currículo integrado freireano. A proposta sistematizada por Freire apresenta três momentos metodológicos, o estudo da realidade, organização do conteúdo escolar e aplicação do conhecimento.

Reflexão e desafios

As reflexões que se seguem são resultados dos diversos momentos de avaliação, participação em sala de aula, das alternâncias nas aldeias e seminários realizados durante o I Ciclo Pedagógico. Em todas essas etapas se buscou caminhos para construção coletiva por meio da participação dos educadores e lideranças indígenas.

É necessário entender as diferenças culturais vinculadas as diferentes formas de significar, interpretar, agir e se relacionar com o meio ambiente. Tudo isso faz parte da forma como se relacionam e organizam os conhecimentos referentes à natureza. Por ser um curso onde há educandos de troncos linguísticos diferentes (Jê e Tupi), essa interculturalidade nos tem apresentado resultados que estão sendo delineados aos poucos. São conhecimentos que nos ajudam a compreender a complexidade sociocultural dos diferentes povos indígenas.

Nessa direção, a elaboração dos mapas das aldeias e dos calendários agroecológicos pelos educandos como produtos deste primeiro ciclo pedagógico, foram relevantes para que todos pudessem conhecer como cada povo está situado na região sudeste paraense, o que produz, como vive, se relaciona e os aspectos socioprodutivos de cada terra indígena. Interessante como cada grupo de educandos construiu seus calendários e mapas, resultando em trabalhos os educadores estão utilizando para uso didático (ver figura 1).

O esforço para sistematizar e organizar os conhecimentos trazidos das aldeias tem sido conduzido nos planejamentos integrados, onde torna necessária a participação dos professores de todas as áreas de conhecimentos. Ancorado pela alternância pedagógica, esse primeiro ciclo foi vivenciado por um tema gerador “freireano”, levando em consideração os saberes construídos a partir da realidade concreta dos educandos e tendo como ponto de partida as falas significativas escolhidas para problematizar os conteúdos das disciplinas.

O curso se ancora na Agroecologia como ferramenta de promoção do



desenvolvimento sustentável. Para isso várias ações estão sendo desenvolvidas pelos educandos durante as aulas práticas: experimentos com composto para horta, viveiro e aviário; a construção do espaço para reciclagem dos resíduos produzidos pelo campus; plantios com sementes crioulas e construção de um banco de sementes. Na figura 2 um grupo de pais de alunos visitam as experiências do campus.

Pelo que se pode perceber merece destaque a pesquisa como princípio educativo, elemento norteador das práticas desenvolvidas pelo curso e como componente central da problematização dos conteúdos. Essa iniciativa de um curso com indígenas tem apresentado novas demandas que se inserem na ação política dos jovens indígenas, que tem também se destacado com novos processos de organização em torno de suas lutas.

Referências

IFPA/CRMB. **Projeto Político Pedagógico:** Curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio dos Povos Indígenas do Sudeste Paraense. 2010



Figura 1:



Figura 2

